

PROBLEMAS À VISTA

O IGP-M da Fundação Getúlio Vargas deverá superar o índice de 1,57% registrado no período de 21 de junho a 20 de julho. Quebra de safras e tarifaço explicam elevação

Inflação de 2% em agosto

Flávia Filipini

Da equipe do Correio

Carlos Vieira 11.8.00



NATALINO (D) ACHA ESTRANHO O PRESIDENTE DIZER QUE A INFLAÇÃO ACABOU: "O GÁS NÃO PÁRA DE SUBIR, MAS HÁ SEIS ANOS EU GANHO R\$ 800 POR MÊS"

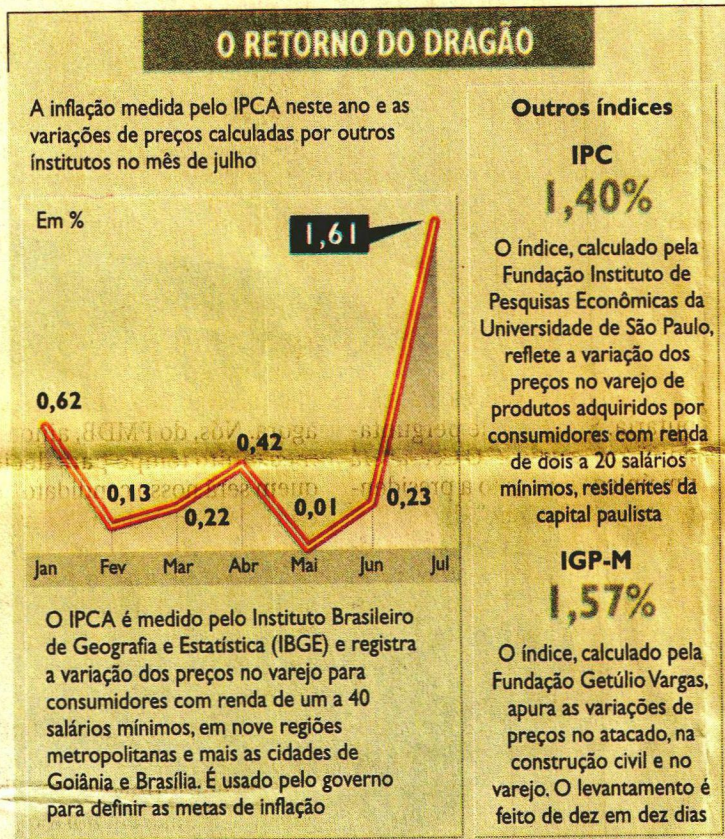
A inflação que castigou a população brasileira em julho vai repercutir nos índices apurados este mês pelos institutos de pesquisa. Mas a tempestade de reajustes de preços está passando. A previsão para os próximos meses é de tempo bom e moderado. Os especialistas asseguram que a partir de setembro os índices descerão o patamar de 1%. — caso nada extraordinário aconteça, como surpresas climáticas ou reajustes tarifários. Para este mês de agosto, entretanto, as previsões não são alentadoras. A Fundação Getúlio Vargas projeta uma taxa de 2% para o seu Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M). O percentual é elevado, principalmente porque este índice ainda apura os dez últimos dias de julho, período de maior alta de preços este ano. O IGP-M do mês passado, pesquisado entre 21 de junho a 20 de julho, foi de 1,57%.

“Em agosto os preços não estão sofrendo tantas alterações, mas ainda há resíduos de alguns reajustes. A queda mais significativa da taxa se dará em setembro”, prevê o chefe do Centro de Estudos de Preços da FGV, Paulo Sidney Cota. Ele prevê inflação abaixo de 1% no próximo mês para o IGP-M, que apura os preços no atacado, no varejo e na construção civil.

EFEITOS DO FRIO

Observando os meses de agosto isoladamente, os pesquisadores apontam para uma alta de 1% este mês. Essa é a projeção do Índice de Preço ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), que no mês passado apurou a maior inflação para um mês de julho deste 1995: 1,40%. O coordenador do IPC, Heron do Carmo, acredita que o índice desta semana poderá se aproximar de 2%, mas, segundo ele, o fato não vai interferir na previsão final de 1% para o mês. Também é o que se espera do Índice de Custo de Vida (ICV), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), que em julho chegou a 2,1% — o maior dos últimos quatro anos.

Este mês o consumidor ainda sente os efeitos do frio que atingiu a região Centro-Sul do país, que dizimou as plantações de verduras e legumes e provocou disparada de preços de alimentos no mês passado. Mais que isso, sente os resíduos das elevações da gasolina, do álcool combustível, do gás de cozinha, das



contas de telefone e de energia elétrica. Foram os reajustes nos preços administrados pelo governo que mais contribuíram para a inflação de julho e que ainda pesa nos índices de agosto.

No próximo mês esses efeitos já terão sido absorvidos. Para setembro, as previsões da Fipe e do Dieese são de uma inflação não superior a 0,5%. Essa deve ser a

média mensal até o final do ano. “Mesmo com o consumo maior do final do ano, motivado de pagamento do 13º salário, não há risco aparente de outro repique inflacionário este ano”, diz Paulo Cota, que também aposta nas taxas inferiores a 0,5% nos últimos meses do ano.

A situação será favorável principalmente para os preços dos

alimentos, com a nova safra a partir de setembro. Com o início das chuvas na região Centro-Sul, também haverá mudança de pasto e, conseqüentemente, gado gordo no campo, resultando em maior oferta de carne e de leite. “São itens de importância no orçamento doméstico, principalmente para os trabalhadores de baixa renda. Para eles, a alimentação representa 35% de suas despesas”, avalia o economista Max Almeida, do Dieese.

Se por um lado os alimentos vão empurrar a inflação para baixo, por outro os produtos não-alimentares tendem a manter os índices estáveis. Os economistas lembram que os preços das mensalidades escolares, das tarifas de energia e telefone já sofreram reajustes este ano, o que não deve se repetir até dezembro.

Além disso, o governo está controlando os preços dos remédios e promete manter as mesmas vigilância diante dos abusos nos reajustes dos combustíveis. “O cenário favorável vai permitir que a trajetória de inflação continue no ritmo que apresentava antes do repique inflacionário”, diz o vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos em Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Miguel de Oliveira.

Índice de 1% ao mês é uma taxa e tanto. Se essa fosse a média mensal do ano, o país terminaria 2000 com o dobro do índice que estabeleceu como meta (6%). A

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) prevê uma inflação acumulada de 5% para o ano, no mínimo, e as projeções, tanto da Fundação Getúlio Vargas (FGV) como do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), não ultrapassam os 7%.

REFLEXOS DO TARIFAÇO

Os economistas lembram que os preços dos alimentos que subiram recentemente devem cair com a nova safra, mas o mesmo não ocorre com os reajustes administrados pelo governo, que permanecerão elevados. O resultado se sente no bolso: a queda do poder aquisitivo. “Na verdade, é o governo que causa a inflação. Os aumentos das tarifas poderiam ser evitados”, analisa Cornélia Porto, responsável pelo Índice de Custo de Vida do Dieese.

“Há seis anos ganho os mesmos R\$ 800 por mês. Enquanto isso, vejo os produtos aumentarem de preços todo dia. É uma loucura”, desabafa Natalino de Souza, de 60 anos, aposentado pelo Governo do Distrito Federal. Na última sexta-feira ele comprou um botijão de gás num posto próximo a sua casa, no Guarã I, por R\$ 12,72. O valor é 15,7% maior do que o pago por ele há menos de 30 dias. “Tenho que fazer magia para sobreviver. E ainda dizem que não existe inflação”, diz o aposentado, que consome dois botijões por mês.